

O USO DA LINGUAGEM CARTOGRÁFICA COMO DISCURSO DE VERDADE NOS TESTES DE ANCESTRALIDADE

YAGO JACONDINO NUNES¹; CÉZAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas– yagojacondino@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas-cesarfmartinez@yahoo.com.br²

1. INTRODUÇÃO

O enfoque deste trabalho é entender os usos da linguagem cartográfica na produção e validação de discursos sobre uma alegada ancestralidade genética e, assim, apresentando resultados preliminares de uma pesquisa que está em andamento. Os testes de ancestralidade são propostas de redescobrir os espaços ocupados pelos antepassados dos indivíduos que o realizam, buscando mostrar suas “origens étnicas” e sua distribuição pelo planeta. Para reforçar o seu argumento de verdade e espacializar o sujeito dentro das supostas regiões apontadas, são utilizados mapas com uma linguagem sugestiva aos resultados apontados pelo teste.

O mapa aparece como discurso, ou seja, utilizado como instrumento que se associa a outros na efetivação e reprodução de certos mecanismos, de modo a reforçar uma “verdade absoluta”. Nossa identidade tem expressão na ancestralidade e na espacialidade e as empresas utilizam estas informações de modo indistinto. Os laboratórios fazem uso das linguagens cartográficas para inserir o indivíduo dentro do espaço e fomentar um sentimento de pertencimento com aquelas regiões, utilizando-se de abordagens científicas para validar suas informações. A crítica levantada está pela forma que eles utilizam o DNA, para reafirmar questões identitárias quanto a “origem” de quem está submetendo o teste, onde os critérios para determinar as análises são um tanto duvidosas e abrem margem para questionamentos, como por exemplo, a não existência de uma origem latina e entre outros que serão aprofundados posteriormente. Como bem coloca Neto (2011, p. 231)

Um teste de ancestralidade genética pode interferir em dimensões que vão do senso de identidade (seja em que amplitude for) ao sentimento familiar, da aceitação ou negação do conceito de “raça” ao racismo, de perspectivas espirituais a ideários políticos.

As imagens cartográficas são empregadas para reforçar uma ideia de espaço e pertencimento pela qual os mapas são utilizados para se apropriar de um discurso de efetivação daquela territorialidade, através de dispositivos que instigam a espacialidade do ser humano. Em outras palavras, “o mapa oferece-nos uma forma de ver e, com isso, realiza o (nosso, humano) desejo de ver como um deus veria: tudo ao mesmo tempo” (Girardi, 2009, p. 153). Com isto, as empresas responsáveis pela realização destes testes se debruçam sobre um imaginário humano que através das ferramentas cartográficas legitimam um pertencimento artificial com aquela região demarcada e trazem questionamentos quanto à identidade e espaço de vivência do sujeito.

Para Anderson (2008), a cartografia é usada de modo a legitimar uma região e sua utilização como instrumento de elaboração de uma identidade nacional. A partir destes instrumentos, pode-se fazer com que as pessoas se coloquem em lugares que até então não possuíam vínculo afetivo, apropriando-se

das linguagens cartográficas para aproximar o sujeito do espaço. Tal prática gera possíveis conflitos entre o sujeito e sua nacionalidade, podendo vir a reforçar questões de senso de inferioridade ou até mesmo de não possuir um real vínculo com seu país de nascimento.

Os conflitos gerados pelos discursos presentes nos instrumentos cartográficos são dados pela capacidade do sujeito de ler o instrumento e criar vínculos com os pontos traçados. O mapa é uma ferramenta que espacializa o usuário dentro das regiões apontadas, potencializando o seu uso pelas empresas que realizam os testes de ancestralidade genética, pois este possibilita o sujeito se imaginar e se inserir dentro das categorias produzidas pela empresa. Isso fortalece o uso de mapas como instrumento de instigar, inserir, espacializar e, principalmente, comprovar as informações inseridas nele, Lois, destaca que:

Grande parte dos usos dos mapas situam-se entre a qualidade ilustrativa e o recurso probatório ou documental. Em qualquer um destes casos, a leitura fragmentada que se faz dos mapas permite derivar interpretações dessas leituras que, de facto, se situam de forma ambígua entre as funções icônica, indicial ou simbólica. (Lois, 2000, p. 98)

No desenvolvimento do texto, buscar-se-á demonstrar como estão sendo utilizadas as linguagens cartográficas dentro dos testes de ancestralidade, trazendo discussões que discorrem sobre o assunto de modo a analisar estes como instrumento de imaginário e afirmação de espaço. Isso será feito a partir de resultados desenvolvidos nas etapas preliminares do projeto, integrando informações produzidas nas diferentes etapas.

2. METODOLOGIA

As linguagens cartográficas são parte de um projeto voltado ao estudo da ancestralidade que está subdividido em três partes: (1) o estudo das páginas das empresas responsáveis por realizar teste de ancestralidade genética, seguidamente (2) realizará entrevistas com usuários de testes de ancestralidade anteriormente à sua realização e por fim, (3) entrevistas com os mesmos usuários após a sua utilização, quando já obtido os resultados. Por conta de ser um projeto em andamento, será apresentado somente resultados preliminares da proposta.

Inicialmente, pesquisou-se sobre as empresas que oferecem o serviço no Brasil, seus discursos, valores e quais serviços eram oferecidos por elas. Determinado os objetos de estudos, iniciou-se a segunda parte, em que foram selecionados participantes de regiões diferentes do estado do Rio Grande do Sul, que manifestaram o interesse em realizar o teste. A partir da seleção de participantes, realizaram-se entrevistas narrativas com o apoio da produção de um mapa mental sobre a expectativa de pertencimento esperada pelos usuários. O mapa mental é construído a partir de um mapa mudo, que consiste em um mapa mundi em um modelo de como é entregue o resultado. Nele, os participantes documentam suas expectativas para que se possa, posteriormente ao resultado, contrastar com os resultados disponibilizados pelas empresas.

O mapa mudo será o instrumento cartográfico utilizado nas etapas da entrevista, buscando compreender os locais onde o sujeito acredita que esteja inserido sua ancestralidade. Dentro desta etapa trabalharemos com a perspectiva e a imaginação geográfica dos participantes, onde eles a partir do mapa mudo irão inserir suas histórias familiares, seu conhecimento geográfico e imaginação do local. A partir deste instrumento permitirá a criação e desenvolvimento de um mapa mental, este que irá carregar e compreender todas características visíveis e

não visíveis do que o sujeito estará transmitindo, de acordo com Kozel (2007, p.121) são relevantes para o entendimento do mapa mental,

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entendendo as linguagens cartográficas como práticas reiteradas pelos sujeitos, busca-se identificar quais discursos estão se reforçando a partir do resultado, quais as construções que estão sendo feitas a partir do resultado do teste e o conflito entre o esperado e o resultado final. Para tanto, parte-se da análise de discurso com orientação foucaultiana, prática que consiste em identificar relações de poder e saber. Conforme explica Passos (2018, p. 2), “discurso para Foucault é uma prática sócio-histórica que só emerge ou se explicita mediante o exercício da análise”.

Os testes de ancestralidade genética conflitam diretamente com a percepção inicial do sujeito, onde este pode possuir noções prévias pelas histórias familiares ou por possuir traços culturais ou fenotípicos de determinados povos. Assim os testes produzem contínuos e descontínuos nos imaginários espaciais e cartográficos dos usuários. Nas testagens preliminares do projeto notou-se dúvidas quanto ao resultado do teste, no qual o participante Antônio comenta que tinha fortes convicções em relação a sua origem, mas que as formas que os dados apareceram após o teste geraram conflitos entre as informações que ele tinha e o que foi apresentado. O participante ressalta o seguinte: “ Parece que esse teste, ele ia me dar um norte, um ponto de ancoragem, de apoio. Mas parece que não. Ele não, ele ampliou mais ainda essa dúvida e ao mesmo tempo essa impossibilidade de eu me identificar com uma coisa só, né?”.

Figura 1- Mapa mudo e resultado do teste de ancestralidade do participante



A partir do instrumento utilizado, podemos perceber o como os mapas dos imaginários dialogam, confirmam, interrogam, confrontam os mapas dos resultados. Ligando os pontos entre os mapas e o relato narrativo do entrevistado, percebeu-se que o teste reafirmou alguns aspectos, mas como

também criou conflito sobre a percepção ancestral. Ademais, quanto aos resultados Antônio ressaltou

Eu achei que ia ter mais coisa da América, né? Mas não... Mas claro, às vezes eu fico pensando, né? A Europa é porque tem... Não é porque é de onde surge, né? Mas é porque acho que talvez é onde mais se impõe determinados poderes, né? Assim, de influência e de colonização, né? Então, é isso. Por isso é que está... É uma questão política, né? É, e é interessante como tu falou nisso, como que eles se... Como constrói essa ideia de etnia ou de raça, né? Dentro desses testes. Isso é uma coisa interessante para pensar, né?

Partindo destas percepções quanto aos conflitos, reafirmação, espacialização e imaginário, será produzido os dados dos participantes, a fim de compreender a atuação dos testes de ancestralidade genética nas mais diferentes escalas.

4. CONCLUSÕES

A espacialidade (em sua expressão cartográfica) é um dispositivo muito presente na promoção da identidade trazida pelas empresas. Os mapas estão presentes em todas as empresas, em todos os resultados. Eles ajudam a construir o imaginário não apenas de pertencimento a um povo, mas a lugares, e lugares muito específicos, muito bem delimitados cartograficamente.

O modo que está sendo criado um discurso irrefutável por estas empresas, por se apoiarem em um conjunto de técnicas científicas, como o DNA e a cartografia, passa a ser algo preocupante quando não vemos um conjunto de critérios sendo realizados. A representação de povos latinos-americanos é algo que passa sucinto e sem aprofundamento, não existindo uma ancestralidade de povos originários ou Brasileiros, deixando ambíguo para a pessoa que realizar o teste as informações que estão querendo vender.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOIS, Carla Mariana. Imagen cartográfica e imaginarios geográficos. Los lugares y las formas de los mapas en nuestra cultura visual. **Scripta nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 13, 2009.

GIRARDI, Gisele. Mapas desejanter: uma agenda para a Cartografia Geográfica. **Pro-Posições**, v. 20, p. 147-157, 2009.

KOZEL, Salette. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. [et al.] (orgs.). **Da percepção e cognição à representação** : reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007, p.114-3

Passos ICF. **A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica**. *Psic: Teor e Pesq* [Internet]. 2019;35:e35425. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>